

ESTUÁRIO DE VÁRZEA DO UNA: ONDE A BELEZA SE FAZ RESISTÊNCIA

LARISSA HAYANNYELLY COSTA BATISTA

Pós-Graduanda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, larissa-h.2@outlook.com;

GILVANEIDE FERREIRA DE OLIVEIRA

Docente do curso de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, gilvaneide.oliveira@ufrpe.br

1. INTRODUÇÃO

A região da Mata Sul pernambucana pode ser caracterizada a partir de duas óticas: a primeira observa o histórico de extrativismo de cana de açúcar, colonialismo, escravidão, servidão, patriarcado e demais mazelas destinadas as regiões carentes historicamente de políticas públicas. A segunda ótica, além de observar, exalta a resistência, as riquezas culturais, costumes locais, dos bens naturais provenientes do mar, terra, floresta, água doce e manguezal, além das atividades de sustento, das quais podemos citar como principais a agricultura, pesca, mariscagem, turismo e comércio em geral.

São José da Coroa Grande ou Puirauçu, proveniente do Tupi antigo (po'yra, —miçanga/coroa + usu —grande, dando sentido a coroa grande), o nome dado pelos povos originários da região, os Caetés, remete aos grandes bancos de areias que se formam quando a maré está baixa¹. O município relativamente pequeno é a última cidade do litoral sul de Pernambuco e comporta quatro assentamentos e dois distritos, são eles: Várzea do Una (campo de estudo) e Abreu do Una, totalizando uma população estimada de 20.005 mil habitantes².

A cidade faz divisa com o estado de Alagoas, é cortada por dois rios, ao norte temos o Rio Una, do Tupi (y-una = o rio preto) e ao sul temos o Rio Persinunga, do Tupi (piraçununga = onde o peixe rumoreja, produz ruído surdo, sussurra macio). Possui uma restinga considerável nas partes isoladas da praia, que estão em monitoramento periódico como Área de Proteção Ambiental (APA dos Corais) pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. A cidade possui muitas nascentes de água doce, entretanto enfrenta problemas advindos da especulação imobiliária, da monocultura e latifúndio que ocupa muitos hectares de terras com cana de açúcar, trazendo impactos para a água e o solo, além dos prejudiciais resultados de queimadas bimestrais, mostrando o quanto a história é recente.

Várzea do Una é o maior distrito da cidade de São José da Coroa Grande e possui de acordo com o último senso realizado pela prefeitura em fevereiro de 2021, cerca de 858 habitantes. O distrito possui duas escolas municipais e uma estadual, um museu, um estaleiro histórico que

1 NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. p. 596.

2 IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, Censo Demográfico, 2010.

confecciona e conserta barcos da região, um pequeno posto de saúde, comércios locais, muitos pontos turísticos, restaurantes e receptivos. Uma das atrações turísticas de várzea do Una, é ela mesmo, sendo a mesma um estuário repleto de paisagens diversas.

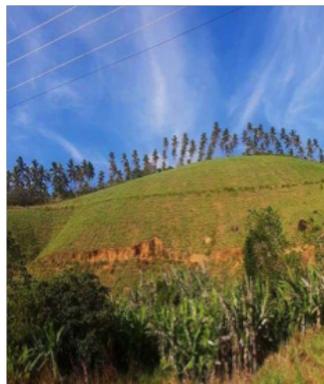
Os estuários são corpos de água limitados pelos quais ocorre a diluição da água salgada pela água doce proveniente da drenagem continental, em outras palavras, é a parte de desagüe e encontro do rio com o mar aberto³. Geralmente essas regiões são bem ricas e possui uma diversidade de plantas e animais terrestres e marinhos enorme, um verdadeiro berçário.

Existem muitos lugares que não são fáceis de descrever em palavras, é neste sentido que o presente relato de experiência surge, tendo como objetivo externalizar parte das belezas existentes no estuário de Várzea do Una - PE. Surge também como forma de compartilhar registros fotográficos pessoais e sensíveis ao contexto, contidos no projeto de dissertação em andamento (que envolve as categorias ensino de ciências e educação de município pesqueiro), dos quais tocam na realidade, e mostra que mesmo com cansaço dos enfrentamentos diários contra a exploração no nosso território, podemos exaltar o que conseguimos ainda proteger e chamar de lar. E é neste processo de mostrar, que tentamos garantir a memória do que não queremos perder em detrimento dos “desenvolvimentos” e “avanços” para trás.

2. ARTE É: CAPTAR A BELEZA POR TRÁS DA DURA, E NADA DOCE, HISTÓRIA

Às margens da PE – 60, a partir da região sul de Ipojuca, pouco antes do engenho tapera, já conseguimos ver monoculturas de cana de açúcar que se estendem como um único organismo até cruzar boa parte do território Alagoano, ou seja, dessa região de Ipojuca até a divisa de estados PE-AL, são cerca de 68 quilômetros de estradas com imensas plantações de cana de açúcar que só acabam para dar espaço as pequenas cidades, pequenas indústrias, e pequenas porções de mata preservada. Para quem não é habituado com o cenário digno de filmes que remetem ao Brasil colônia, uma das coisas que vem em mente é o poder do latifúndio. Podemos imaginar o cenário a partir das três figuras a seguir.

3 CAMERON, W. M. & PRITCHARD, D. W. (1963) Estuaries. In: HILL, M. N. ed. The sea, Vol. 2. New York, John Wiley & Sons, p.306-324.

Figura 1. Azul.**Figura 2. Verde.****Figura 3. Amarelo, assim se for(çou)mou a mata sul canavieira.**

Fonte: A autora, 2018.

As três figuras, embora pareça apenas uma, ilustram partes de diferentes cidades da região da Mata Sul e foram tiradas dentro de um carro em movimento, reforçando a perspectiva de transição na PE- 60. A Figura 1. Azul, foi tirada próximo a cidade de Serinhaém, do Tupi (*cirinhaen* = o vaso, canal ou viveiro dos siris)⁴. A Figura 2. Verde, ao norte de Barreiros (o nome provem das escavações feitas no solo, que era de barro vermelho, pelos porcos *Caititus*, muito abundantes no lugar), bem próximo a Reserva Biológica de Saltinho (Tamandaré)⁵. Já a figura 3. Amarelo, assim se for(çou)mou a zona da mata sul canavieira, foi tirada em são José da coroa grande, as características do solo, que hoje comercializado, não esconde a doçura da capa por muitos anos utilizada.

A série de figuras a seguir envolve a natureza contida no estuário de Várzea do una.

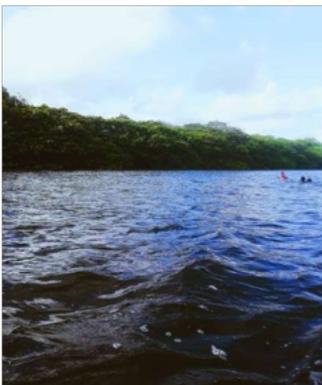
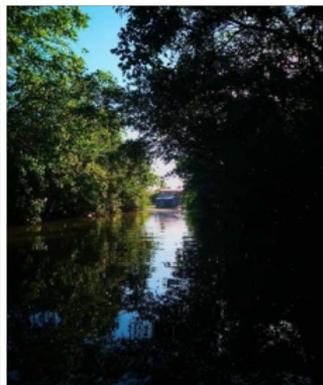
4 SANTOS, M. do C. F. e FERREIRA, B. P. A influência do tupi na linguagem popular referente ao meio ambiente do litoral sul de pernambuco, Brasil.

5 Segundo Santos e Ferreira, existem duas traduções: 1- É uma corruptela de amoindaré. Que significa o repovoador. Na tradição dos índios tupis, existia a crença de que Tamandaré era um pajé (chefe espiritual), a quem Tupã (nome que os índios davam ao trovão, e que passou, mais tarde, a designar Deus) revelara o seu propósito de exterminar os homens. Assim, quando houve o cataclismo que inundou a Terra, Tamoindaré foi o escolhido por Tupã para repovoar toda a área afetada, assim, o abrigou numa arca gigantesca com sua família e diversas espécies. 2- É uma corruptela de tamanduaré. O que se assemelha ao tamanduá, o que sobe às árvores como o tamanduá, o que faz o papel do tamanduá; nome do Noé dos selvagens na sua lenda do dilúvio.

Figura 4. Ilhota.**Figura 5. Jangada camuflada****Figura 6. Amolando o facão**

Fonte: A autora, 2017.

As três figuras foram tiradas durante o campeonato de Surf local no mês dos ventos, agosto de 2017. Às margens do rio Una, em uma abertura entre o mangue (ilhota), podemos observar ao fundo um imenso banco de areia que na verdade é uma grande faixa de restinga protegida pela APA dos Corais, utilizada pelos animais para reprodução. Mata muito importante para reprodução dos animais quanto o próprio mangue, local registrado nas próximas figuras.

Figura 7. Fundura.**Figura 8. Caminho do estaleiro****Figura 9. Meninas banhando**

Fonte: A autora, 2019.

A Figura 7. Fundura registra a foto de meninos brincando no rio Una tentando tocar o chão fundo. A Figura 8. é o caminho estreito e lindo que

fazemos dentro do rio para chegar no estaleiro. A figura 9. é ainda mais próximo do estaleiro e captura duas meninas tomando banho.

Figura 10. Pescador.



Figura 11. Contraste da pesca



Figura 12. Pescador



Fonte: A autora, 2019.

As Figuras 10 e 12 acima retratam a perspectiva oposta das figuras 4 e 6, pois foram registradas estando na restinga apontando para a área da Ilhota. Já a figura 11 retrata o inverso da figura 5 com uma jangada nada camuflada. E é ainda sobre camuflagem, que a última sequência de fotos é apresentada a seguir.

Figura 13. Caranguejos.



Figura 11. No manguezal.



Figura 12. Camuflados.



Fonte: A autora, 2019

É possível com muito esforço observar os caranguejos camuflados da figura 13 e 15, o primeiro retirado no estuário, o segundo na praia. A

figura 14 é a famosa ponte do manguezal da Várzea do Una onde os turistas tiram fotos e conseguem aceso a pedra grande, outro cartão postal que infelizmente não vai compor o presente relato.

RESULTADOS

A experiência de se (re)conhecer registrando o lugar que mora por meio de fotografias é uma forma de ambientalizar o leitor com o contexto, compartilhando o ponto de vista, o sentimento de quem vive rodeado de riquezas naturais, que apesar das adversidades históricas, exalta as belezas, enxerga na diversidade do lugar, que vê a importância de uma economia com um turismo que não explore o lugar. O trabalho desenvolvido faz parte de um trabalho maior, que tem interesse em conhecer a escola e a educação, e essa curiosidade tem as potencialidades do lugar como combustível.

Nesse sentido, é importante concluir que quando desenvolvemos trabalhos desta natureza, estamos na verdade, compartilhando, externalizando parte dos elementos e belezas existentes no lugar admirado. Relatos como esses são construídos de forma inter e transdisciplinar, pois embora não seja possível trazer todos os elementos que se correlacionam com esse trabalho de texto e imagem, podemos ver o quanto podemos capturar (formações rochosas em geografia, biomas diversos, história do lugar, ciências do solo aos ceus, envolvendo as águas e as transformações proporcionadas por todos esses elementos)